CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
22 de Maio de 2025

DER JUNGE MEDARDUS / 1923
("O Jovem Medardus")

Um filme de Mihaly Kertész (Michael Curtiz)

Realização: Mihály Kertész/Michael Curtiz / Argumento: Ladislaus Vajda, com a colaboração de Arthur Schnitzler, baseado na peça teatral homónima do segundo / Direcção de Fotografia: Gustav Ucicky e Eduard von Borsody / Direcção Artística: Artur Berger e Julius von Borsody / Interpretação: Michael Varkonyi [futuro Victor Varconi] (Medardus), Egon von Jordan (Etzel), Agnes Esterhazy (Helene), Gyula Szorhegy (Eschenbacher), Karel Lamac (Franz), Ferdinand Onno (marquês de Valois), Mihail Xantho (Napoleão Bonaparte), etc.

Produção: Sascha-Film / Produtor: Arnold Pressburger / Cópia: 35 mm, preto e branco, muda com intertítulos em francês e legendada electronicamente em português / Duração: 78 minutos, a 22 imagens por segundo / Inédito comercialmente em Portugal.

***

Der Junge Medardus corresponde ao período apoteótico do segmento austríaco da carreira de Mihály Kertesz, a quem, muito por causa dos sucessos destes período, não faltava muito para receber um convite de Hollywood e passar a chamar-se Michael Curtiz. Corresponde também ao apogeu da Sascha-Film, a maior e mais ambiciosa produtora austríaca da época, com cujo hiper-activo dono, o aristocrata Alexander "Sascha" Kolowrat, Curtiz estabeleceu uma relação de grande entendimento. Diz-se até – e o próprio genérico desta cópia restaurada que vamos exibir o diz – que Kolowrat teria dirigido, em pessoa, algumas cenas do filme, embora a historiografia especializada neste lugar e nesta época não encontre provas materiais que substanciem a afirmação (pode apenas tratar-se de um mal entendido quanto à noção de "autoria": Kolowrat, evidentemente, considerava que filmes como este eram "seus", o que não significa que sentisse a vontade de se pôr imediatamente atrás da câmara para justificar a "autoria", até porque ainda estavam longe os tempos da associação obrigatória do realizador ao estatuto de "autor" do filme).

É uma produção luxuosa e ambiciosa, que vem directamente na sequência do êxito da precedente aventura de Kolowrat e Curtiz, **Sodom und Gomorrah**. O filão do épico histórico, o "proto-peplum" bíblico, era naquele tempo sobretudo uma operação de produção, como é sabido: exigia meios, cenários grandiosos, multidões. E essa foi a receita que a Sascha-Film quis seguir, sem apostar na mera repetição: trocou os motivos bíblicos de **Sodom und Gomorrah** pelo patriotismo histórico da peça de Arthur Schnitzler (que colaborou, ele próprio, na feitura do "script", assinado pelo célebre Ladislaus Vajda), ambientada durante a campanha austríaca dos exércitos de Napoleão, mas no essencial, e enquanto operação de produção, os valores e os objectivos eram os mesmos, afirmar a via grandiosa do espectáculo cinematográfico. Voltou a correr muito bem, Der Junge Medardus foi outra vez um enorme êxito perante as plateias austríacas,

e com ressonância para além delas (em Hollywood, os estúdios e os executivos dos estúdios iam tomando notas).

O filme sobreviveu, segundo parece, numa versão com metade da duração original, tida como próxima das duas horas e meia, embora a versão subsistente, em que se baseiam as cópias (como a que vamos ver, com intertítulos em francês que dificilmente serão, em termos gráficos, intertítulos da época) que hoje correm, possa ter sido o resultado de montagens a abreviar a duração do filme, possivelmente para estreias no estrangeiro. Já que falámos de intertítulos, eles são o principal óbice do filme, muito palavroso, muito "literário" (talvez a "vigilância" de Schnitzler sobre o que se fazia ao seu texto tenha alguma coisa a ver com isso, mera hipótese): vemos o filme, e mesmo sendo uma conta difícil de fazer, pensamos que, de entre todos os filmes mudos que já vimos, este estará certamente entre os que têm uma maior quantidade de intertítulos e mais tempo de "leitura" propõem.

Mas a questão do texto teatral, e da caução cultural que ele concedia, não era para o pensamento da época (e mais uma vez sobretudo em termos de produção) necessariamente um "defeito", antes pelo contrário. Uma das coisas interessantes do filme, visto hoje, é a articulação constante de um estilo teatral (o cuidado cenográfico de muitas cenas de interiores, os enquadramentos rigorosos na forma de inscrever as figuras humanas nos cenários, o próprio trabalho de iluminação a procurar um certo artificialismo que pode ser o artificialismo do teatro) com o espectáculo naturalista, que estando também reservado para algumas cenas de interiores (aquelas com mais gente em campo, as cerimónias, sobretudo, que exibem de forma particularmente inteligente, através da profundidade de campo, por exemplo, a grandiosidade dos cenários construídos em estúdio), se revela em pleno nas grandes cenas de exteriores, nos cenários naturais encontrados nas ruas e nos palácios vienenses mas também nos bosques e florestas em redor da capital austríaca. E aí destacam-se as cenas de "mise en scène da multidão" por excelência, as cenas de agitação popular, as cenas de combate, aquelas que vivem da contradição entre o retrato de uma situação caótica e as enormes precisão e organização que a sua filmagem exige. Curtiz ia fazendo nome neste domínio, e a sua habilidade para filmar – com um sentido de espectáculo que sobrevive ao tempo, que não é meramente "relativo" – este tipo de cenas está inteiramente estampada em **Der Junge Medardus.**

Luís Miguel Oliveira